

CAPÍTULO VI – COLOCANDO A PERSONALIDADE EM UM PEDESTAL INSTÁVEL

Depois que a Sra. Morton saiu, a Sra. Remington mandou chamar Marozia e retomou as hostilidades. Ela discutiu e fez escândalo, como algumas mulheres aflitas costumam fazer.

Então, tentou a diplomacia. Com a astúcia ancestral derivada da Atlântida perdida, insinuou a saúde debilitada do marido e suas dificuldades financeiras. Em seguida, acrescentou:

– “Você deve saber que custa muito dinheiro mandá-la para Utica estudar por um ano. E que coisa tola de se fazer, nessas circunstâncias!”

– “Tentarei reembolsá-la, mamãe.”

– “Bem, não sei como você conseguirá, a menos que recupere o juízo e se case com Claude Rathburn! Além de lhe dar uma posição social invejável, isso pode salvar a vida do seu pai se você aceitar Claude!”. Ela examinou o rosto da filha atentamente para observar o efeito daquela alfinetada.

Em voz baixa e tensa, com os olhos dilatados por um temor inexplicável, Marozia perguntou:

– “Papai me deixa fazer esse sacrifício?”. Seu pai sempre lhe parecera a personificação de todos os ideais elevados e ela aguardava ansiosamente a resposta da mãe! A Sra. Remington era uma estrategista, e a franqueza de Marozia sempre a confundia.

– “Você sabe que seu pai raramente vê as coisas sob a perspectiva correta — especialmente assuntos mundanos!”.

Os olhos de Marozia brilharam com a luz reveladora que sempre detectava as sofisticções de sua mãe. Ela perguntou baixinho:

– “Casamento é um assunto mundano?”

– “Não sei o que mais poderia ser!”

– “Ó, mãe... mãe!”

– “Bem, você sabe o que eu quero dizer! Seu pai tem suas próprias ideias sobre as coisas. Ele está sempre no mundo da Lua e nunca analisa as coisas com bom senso! Outro dia mesmo eu o ouvi dizer que todos os seres humanos deveriam ser como irmãos e se preocupar mais com os interesses dos outros do que com os seus próprios! Imagine só! Estamos aqui para cuidar de nós mesmos!”.

– “Papai tem razão!”, respondeu Marozia em voz baixa.

– “Bem, se você está tão envolvida com ele, por que não tenta facilitar as coisas para ele?”. Marozia ficou em silêncio.

A Sra. Remington prosseguiu com seu argumento, concluindo com estas palavras:

– “Além disso, Claude é um homem muito atraente, independentemente do dinheiro!”.

– “Não acho que eu o separaria do dinheiro dele! Eles naturalmente combinam e contribuem para as vantagens!”.

– “Você não precisa ser tão sarcástica! Você deveria ter vergonha!”.

– “Eu tenho vergonha — vergonha de estar discutindo um assunto como esse!”. Ora, mãe, você está tão deslumbrada com a aparência externa que não consegue

enxergar o quão vulgar isso é! É pior do que folheado em móveis! Eu prefiro pessoas genuínas — mesmo sem as vantagens!”.

Terminou em afastamento entre elas. Marozia fugiu pela trilha verdejante e através da alta grama do prado até a grande rocha plana, cinzenta de líquen, que tinha vista para o riacho e as colinas além. Esse era seu refúgio favorito quando seu “temperamento” entrava em conflito com os planos mundanos de sua mãe.

Até mesmo as ideias mais simples e sensatas de sua mãe a perturbavam com seu pequeno mundo interior. Nos dias de sua infância melancólica e sonhadora, quando se sentava na pedra no prado inclinado e olhava através das ondulações intermináveis para os contornos distantes e nebulosos das colinas, ela se perguntava o que havia além delas. Sabia que um ramal da grande ferrovia havia chegado perto do outro lado da pequena crista, trazendo a um povoado vizinho, que ela tanto apreciava, um sopro do mundo exterior. Esse sopro, porém, já havia perdido seu frescor inicial; quando a velha diligência o transportou pelas colinas até o pequeno povoado isolado. Conforme crescia e se tornava uma jovem garota, sua alma começou a se rebelar contra a estreiteza de tudo aquilo.

Ela se cansava insuportavelmente das colinas azuis que a cercavam. Em seus momentos de paixão, quando seu espírito se agitava por dentro, ela quase odiava as curvas baixas e monótonas que se estendiam contra o céu e nunca sugeriam nada de grandioso. A estreita paisagem pitoresca, que nunca se abria para horizontes, a sufocava. Tudo em seu ambiente rural parecia típico de sua vida reprimida. Até mesmo o riacho, que enfim encontrava seu caminho penoso até o Susquehanna, era atormentado por suas represas, suas margens estreitas e intermináveis desvios e distrações, quando ansiava por correr em direção ao mar. E as pessoas – pareciam tão rudes, tão grosseiras, tão cheias de pequenos preconceitos e opiniões mesquinhas, pronunciadas em suas bocas rudes.

Mesmo quando criança, ela as pesava e analisava a todos, atribuindo a cada um seu devido lugar. Ela imitava, rindo, seus provincianismos, mas não havia malícia em seu humor. Era amplo, espontâneo e gentil, sempre. Surgia da intuição de sua alma. Ela não suportava limitações, pretensões ou ignorância, que não demoravam a ser esclarecidas. Em seu ambiente restrito, ela sempre ansiava pela vida mais ampla e rica que pulsava pelos grandes centros arteriais do mundo e fluía em correntes cada vez maiores além das colinas do horizonte de sua aldeia — além do grande rio Susquehanna.

Naqueles tempos de infância, o rio Susquehanna parecera imenso à sua imaginação fértil. Ela imaginava, como muitos antes e depois dela, que a satisfação residia na busca por conhecimento, na altitude ou numa vida rica e vibrante. A inspiração talvez surgisse ali, mas não a satisfação. Vibrações dos pulsos pulsantes do mundo por vezes alcançavam a pequena Arcádia, mesmo naqueles tempos distantes — ecos tênues da batalha mundial que irrompia de leste a oeste, da metrópole à planície. Ela ansiava por estar ali, por fazer parte daquilo.

Como ela se emocionou quando finalmente teve a oportunidade de ir um pouco além das colinas! Sua primeira viagem começou com a velha carroça puxada por um cavalo da família até a diligência, e depois, atravessando as colinas sucessivas, chegou à ferrovia secundária. O mais maravilhoso para sua visão atônita foi o longo trem, que chegou estrondosamente assim que ela desceu do vagão apertado e abafado, usado pela ferrovia secundária para transportar seus passageiros ocasionais de e para a grande estação central de Nova York. Uma vez a bordo e girando em direção ao destino, algo dentro dela se agitou e respondeu com pulsações aceleradas à sensação de velocidade, clamando incessantemente por mais. Ela se sentiu inclinando-se para a frente, ansiosa e excitada com a rápida aproximação de “algum lugar”. Logo avistou lagos azuis, cidades, campos e florestas enquanto era levada pela correnteza e pelo rugido em seus ouvidos e pela emoção em seu coração. Ela sorriu na noite passada ao

relembrar o passado. Tinha sido um ano maravilhoso para ela e marcado uma época em sua vida. Mesmo assim, ela estava feliz por estar de volta em casa. Hoje, ela estava tão cansada das tolas pretensões, dos afetos ridículos e da sordidez mesquinha de seu pequeno mundo que ansiava por escapar novamente.

As duas inteligências luminosas, que eram como estrelas em seu mundo, eram seu pai e a Sra. Morton. Com eles, a verdadeira Marozia despertava. Agora, ela estava repleta de inquietação ao perceber que poderia ter oportunidades ilimitadas no cumprimento do dever filial, se assim o desejasse. Sentada diante de suas emoções tumultuosas, a antiga ânsia por expansão, por horizontes mais amplos, não apenas físicos, mas mentais – e não apenas mentais, mas espirituais – a dominou.

Enquanto observava a grama do prado ondulando graciosamente como ondas do mar, uma visão surgiu das sombras onde ela sentira a estreiteza e o anseio selvagem por expansão. Sussurrava, com fascinante sutileza, sobre a vida brilhante além de seu horizonte limitado. Atraía e chamava sua alma ávida. Sua mãe havia insinuado outra limitação – a limitação da pobreza – que ela logo experimentaria, se recusasse essa oportunidade de escapar. Seus pensamentos vagavam pelos campos que sua ambição exploraria.

Ela ansiava por escrever, por ensinar. Estava ainda mais ansiosa para fazer isso desde que aprendera algo sobre a maravilhosa Filosofia da Escola de Mistérios Ocidental, a Filosofia Rosacruz.

Ela precisava revelar suas verdades a outros corações, mas como poderia fazê-lo se a previsão de sua mãe se concretizasse? Pobreza – ela nunca a conhecera, mas a palavra lhe parecia horrível. Sempre a associava às pessoas que viviam no “Vale”. Eram desleixadas e sujas, e usavam uma linguagem terrível. Seus sentidos exigentes se revoltavam só de pensar em qualquer tipo de associação com pessoas assim – e, no entanto, a pobreza poderia chegar até ela! Ela se

perguntava se um dia se tornaria menos refinada, menos uma verdadeira “dama”, menos meticulosa, limpa e delicada. Estremeceu de horror ao imaginar essa cena.

– “Eu poderia suportar os barracos — talvez — mas não suportaria o que viria junto com eles! A sujeira e a miséria me matariam! Assim como a convivência com gente desse tipo! Mesmo assim, minha mãe dizia que a pobreza nos encarava de frente se eu não desse atenção a Claude Rathburn. E se eu desse!”.

Então, a visão de um futuro glorioso voltou a acenar. Ela se viu cercada por tudo o que o mundo preza. Honra, riqueza, fama, amor, tudo poderia ser seu! Honra – a estima dos homens – aquilo que a mera opinião alheia traz! E essa opinião – qual o seu valor? Ela não toca o “Eu verdadeiro” – lida com o “eu fictício”, o “eu irreal”.

Coloca a Personalidade em um pedestal instável e se curva em homenagem servil. É tão provável que se transforme em difamação e maldição no instante seguinte, se a inveja, o ciúme ou o interesse próprio se insinuarem. É como a adoração do bezerro de ouro – não há nada de grandioso por trás disso. Um sopro pode destruí-lo. Uma pequena ofensa pode ser sentida, a vaidade pode ser ferida e, eis que a homenagem se transforma em calúnia! Perante o tribunal interior, a honra – a honra que os outros prestam – é proclamada uma sombra sem valor do real.

A riqueza compareceu perante o juiz silencioso. Riqueza — mera fantasia, uma bolha para a alma que vive! Parece potente apenas para o materialista, e Marozia não era materialista. Assim, a riqueza desfilou diante do tribunal como um poder a ser considerado, se a alma se apresentasse como a mercadoria que ela compraria. Fama — ah, como a honra, surge de um vapor de presunção humana! Não tem nenhuma qualidade permanente, nenhuma qualidade

duradoura. Uma palavra, uma crítica, um ciúme poderiam varrê-la. Também era irreal — não tocava as verdades eternas. Amor? Ah, ali ela hesitou.

Ela não amava Claude Rathburn — tinha certeza de que nunca poderia. Amava seu pai e a Sra. Morton. Tentou amar sua mãe, mas isso lhe causava discórdia perpétua e ela sabia que, em última análise, não passava de um movimento forçado de um desejo altruísta — não emoção. Não conseguia sentir nenhum poder forte de atração que puxasse sua alma para a alma de sua mãe. Seria assim se ela se permitisse casar-se com Claude Rathburn. Por mais que procurasse, não conseguia encontrar em seu coração ou em sua alma qualquer sentimento em relação a ele, exceto uma mistura de medo e repulsa.

A visão brilhante se dissipou em algo banal e sem graça, algo pelo qual ela supostamente deveria estar se interessando. No instante seguinte, sentiu um recuo diante daquilo que, junto com suas brilhantes oportunidades, era obrigado a aceitar. Uma onda nauseante se abateu sobre suas esperanças infladas, submergindo-as. Sua alma reconheceu a farsa e recuou com um arrepio.

– “Não. Eu não poderia amá-lo, e um casamento sem amor seria intolerável para mim!”, murmurou ela ao levantar-se para descer a estrada da colina e encontrar o pai. Ao ver o rosto dela — pálido, agitado, porém decidido —, ele compreendeu que ela atravessava um momento crítico e que, sob a tensão da batalha, a mulher que havia nela despertara.

Ralph Remington também se deixava levar por reflexões sobre o passado enquanto subia lentamente a colina para encontrar Marozia, que frequentemente o aguardava ali. Ele pensava em sua juventude perdida. Nem sempre é agradável rememorar o passado. Para aquele homem, porém, era uma tortura, dada a disparidade infinita entre seus sonhos e a realidade. Parecia ter passado uma eternidade desde que ele fora um jovem brilhante e cheio de entusiasmo,

nutrindo esperanças ardentes e ambições elevadas. No entanto, ele estava apenas na meia-idade. Quanta coisa havia sido comprimida naquele sonho!

Seu pai desprezara sua ambição. Precisavam dele na fazenda — uma propriedade grande —, por isso ele abria mão do desejo de cursar uma faculdade. Durante anos, alimentou a ideia de que, algum dia, poderia retomar o projeto de sua vida de onde o havia deixado. Com esse objetivo, prosseguiu com suas pesquisas pacientes. Estudava sozinho, à luz da lareira, até altas horas da noite, treinando a Mente para o raciocínio preciso. Concluiu seus estudos em Yale.

Com o falecimento do pai, Ralph Remington ficou responsável pela propriedade que herdara. Sua experiência como proprietário de terras foi marcada pelo insucesso; ele não tinha aptidão nem para as finanças nem para a agricultura. Como sabemos, homens inescrupulosos tiraram proveito de sua honestidade e ingenuidade. Ao longo do tempo, à medida que surgiam emergências, a propriedade foi sendo sucessivamente onerada por hipotecas.

Nesse meio-tempo, ele havia se casado e, como vimos, sua vida doméstica era muito infeliz. A Sra. Remington era a verdadeira personificação do egoísmo, da vaidade e da superficialidade femininos. Incapaz de compreender a grandeza de espírito do marido, ela fingia desprezo por tal grandeza. Seus planos haviam sido bem arquitetados: ela atraía o jovem herdeiro erudito para sua rede — pois a juventude é pateticamente cega. E tratava-se, de fato, de uma rede que se apertava gradualmente em torno de suas esperanças radiantes. Cada ano naquele ambiente doméstico sufocante havia paralisado algum anseio da alma ou alguma bela esperança humana, a ponto de ele já não lutar contra o seu destino.

Uma Mente rasa e egoísta tem o poder de causar uma ruína indescritível a uma alma nobre e sensível, cujas elevadas aspirações entravam em conflito com os

planos sórdidos dessa Mente. Se ela tivesse a grandeza ou a bondade necessárias para compartilhar a vida superior do marido, poderia ter sido o equilíbrio indispensável entre a alma elevada dele e o mundo prático, que ele tão mal compreendia. Suas energias, contudo, eram dedicadas a intrigas egoístas, enquanto ele se tornava mais silencioso, mais retraído e mais sensível às visões da vida interior. Ele passara a temer as forças que poderiam desafiá-lo, caso saísse de seu isolamento. Sua solidão era a vida intensificada, espiritualizada. Sua visão tornava-se mais clara; sua alma, mais pura. Na calma solidão de sua vida mais ampla, ele podia criar. Nos silêncios de sua existência solitária, conseguia ouvir claramente as vozes divinas que lhe falavam incessantemente e traduzi-las para outros Corações e Mentes. Era uma compensação abençoada para ele — essa crescente sensibilidade à vida dentro da vida, esse contato de sua alma com realidades infinitas e invisíveis. Isso limitava sua ambição humana, mas ampliava seu horizonte espiritual.

Hoje ele percebeu, mais do que nunca, que uma crise estava prestes a acontecer. Viu sua sombra no rosto de Marozia quando ela o encontrou.

– “Pai, a pobreza é uma coisa tão terrível assim?”, perguntou ela enquanto caminhava ao seu lado pela estrada rochosa.

– “Acho que não é o pior dos males, minha filha”, respondeu ele suavemente. “Pode acarretar algumas privações materiais, mas isso deixaria a alma mais livre”.

– “Mas isso não nos atrapalharia, Pai, na busca de nossa grande ambição?”.

– “Poderia ser um obstáculo, mas isso provaria nossa força e dignidade! Nada que valha a pena vem fácil. Além disso, minha filha, a ambição pode brotar de uma raiz de desejo egoísta. Se for esse o caso, é melhor que seja consumida pelo fogo!”.